

# Vontade de potência e interpretação como pressupostos de todo processo orgânico\*

Diego Sánchez Meca\*\*

**Resumo:** As leituras que, entre 1881 e 1883, Nietzsche empreende de diversos tratados de ciências naturais, em especial os de teoria celular de Rudolf Virchow, Wilhelm Roux e Claude Bernard, são decisivas para configurar o modo específico e original com que o filósofo compreenderá o mundo como vontade de potência e, por consequência, os organismos vivos e o homem. É, pois, no contexto dessas leituras que nasce a concepção hermenêutica da verdade em Nietzsche e o critério de validação das interpretações, a saber: em que medida contribuem para uma intensificação da potência ou, o que é o mesmo, em que medida são capazes de impor-se a outras interpretações e vencê-las. Neste artigo se desenvolve, assim, a ideia de que toda interpretação não é nada além de um sintoma de crescimento ou de decadência, de modo que uma interpretação que favorece o aumento de potência é mais “verdadeira” que as que somente servem para conservar a vida e torná-la suportável. Tal é o contexto para que se compreenda a afirmação nietzschiana de que o conhecimento não passa de um erro útil impossível de transcender em favor “da verdade”.

**Palavras-chave:** vontade de potência – interpretação – conhecimento.

---

\* Tradução de Vinicius de Andrade.

\*\* Professor da Universidade de Madri (UNED), Madrid, Espanha, e membro do SEDEN (Sociedade espanhola de Estudos sobre Nietzsche).

### 1. *Insuficiência do darwinismo: o poder criador de formas a partir de dentro*

As leituras que, entre 1881 e 1883, Nietzsche empreende de diversos tratados de ciências naturais, em especial os de teoria celular de Rudolf Virchow, Wilhelm Roux e Claude Bernard, são decisivas para configurar o modo específico e original com que o filósofo compreenderá o mundo como vontade de potência e, por consequência, os organismos vivos e o homem<sup>1</sup>. A teoria celular desses autores considerava as células como unidades vitais simples, ou seja, como organismos elementares, mas sem autonomia absoluta. Isso quer dizer que as células estão sempre integradas a um corpo ou, o que é o mesmo, a uma totalidade hierárquica em que se inserem e dependem umas das outras. Todo corpo vivente é, assim, uma organização dinâmica que funciona de acordo com um princípio fundamental de autorregulação interna. Dessa ideia deriva uma forma de compreender a relação entre organismo e ambiente que é distinta da ideia de adaptação defendida por Darwin<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Como já é amplamente conhecido, a leitura, feita no ano de sua publicação e refeita em 1883, do livro de ROUX, W. *Der Kampf der Theile im Organismus. Ein Beitrag zur Vollständigkeit der mechanischen Zweckmässigkeitlehre*. Leipzig: Engelmann, 1881 exerce nítida influência sobre Nietzsche. Roux havia sido aluno de C. Gegenbaur, E. Haeckel e R. Virchow e é o fundador da investigação experimental sobre o desenvolvimento do que chamava de “mecânica do desenvolvimento”. Sobre essa influência, cf. MÜLLER-LAUTER, W. *Der Organismus als innerer Kampf. Der Einfluss von Wilhelm Roux auf Nietzsche*. In: *Nietzsche-Studien*, Berlim, Walter de Gruyter, n.7, p. 189-235; Abel, G. *Nietzsche. Die Dynamik der Willen zur Macht und die ewige Wiederkehr*. Walter de Gruyter: 1998, p. 113 ss.; MITTASCH, A. *Nietzsche als Naturphilosoph*. Stuttgart: Kröner, 1952, p. 172 ss.; ORSUCCI, A. *Dalla biologia cellulare alle scienze dello spirito. Aspetti del dibattito sull'individualità nell'Ottocento tedesco*. Bolonha: Il Mulino, 1992, p. 192 ss.

<sup>2</sup> Nietzsche entra em contato com o darwinismo sobretudo através da obra de F. A. Lange *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*. Iserlohn: Baedeker, 1877. Estudaram essa influência SALAQUARDA, J. *Nietzsche und Lange*.

Com efeito, em contraposição ao adaptacionismo de Darwin que outorga a forças seletivas externas o papel determinante, a teoria celular de Virchow e Roux afirmava a natureza endógena do desenvolvimento do organismo como processo complexo de interação. Ou seja, o organismo é influenciado por aquilo que o rodeia e responde ativamente a tais estímulos reorganizando-se e reorganizando esses mesmos estímulos que o afetam. Por sua vez, o ambiente é influenciado por essa reorganização do organismo e isso faz com que ele se altere e se transforme. A diferença entre Darwin e a teoria celular é que, para esta, não se entende esse processo como processo de adaptação, mas sim como de autorregulação.

A luta externa entre os indivíduos implicada no que Darwin entendia como “seleção natural” não basta para explicar a emergência da diversidade e a adaptação ao meio<sup>3</sup>. Concretamente,

---

In: *Nietzsche-Studien*, n.7, p. 230-260; STACK, G. J. *Lange and Nietzsche*. Berlim: Walter de Gruyter, 1983. Para a discussão sobre a crítica de Nietzsche ao darwinismo, cf. também STEGMAIER, W. Darwin, Darwinismus, Nietzsche. Zum Problem der Evolution. In: *Nietzsche-Studien*, Berlim, Walter de Gruyter, n.16, p. 264-287; HENKE, D. Nietzsches Darwinismuskritik aus der Sicht gegenwärtiger Evolutionsforschung. In: *Nietzsche-Studien*, Berlim, Walter de Gruyter, n.13, p. 189-210.

<sup>3</sup> Assim argumenta Nietzsche: “– a utilidade de um órgão não explica sua emergência, pelo contrário!

– durante a maior parte do tempo em que se forma uma propriedade, ela não conserva o indivíduo e nem lhe é útil, muito menos na luta com circunstâncias externas e com inimigos

– por fim, o que é ‘útil’? É preciso perguntar ‘útil em referência a quê’? Por exemplo, o que é útil à *duração* do indivíduo poderia ser desfavorável para sua força e esplendor; o que conserva o indivíduo poderia, ao mesmo tempo, fixá-lo e imobilizá-lo na evolução. Por outro lado, poderia ser de grande utilidade uma *falta*, uma *degeneração*, na medida em que ela age [*wirkt*] como *stimulans* de outros órgãos. Da mesma maneira uma *situação crítica* pode ser condição de existência, na medida em que ela reduz um indivíduo à medida pela qual ele se *mantém coeso* e não se dissipa.” (Nachlass/FP do fim de 1886-primavera de 1887, 7 [25], KSA 12.304).

Salvo indicação contrária, as traduções das passagens de Nietzsche são de minha autoria (NT).

Roux postulava uma luta interna entre as partes do organismo para explicar as novas funções adquiridas que não podem ser derivadas da luta externa entre os indivíduos. Nietzsche anota a explicação que Roux dava para a possibilidade da transição dos animais do meio aquático para o terrestre<sup>4</sup>, e destaca que isso só pode se dar com a formação simultânea de milhões de propriedades funcionais individuais. Só é possível explicar simultaneidade pelo princípio da autoestruturação funcional e não pelo mecanismo darwiniano da seleção natural, que permite apenas pensar na formação sucessiva de novas funções orgânicas. Que o indivíduo se modifica para adaptar-se ao meio pressupõe uma duração e uma conservação que ultrapasse o espaço de seu tempo vital e, por isso, necessita-se da hipótese do funcionamento de mecanismos hereditários que transmitam geneticamente as modificações adquiridas. Isso supõe admitir implicitamente uma concepção teleológica da natureza que Nietzsche recusa de forma taxativa<sup>5</sup>. Em suma, para Nietzsche “até agora se derivaram todas as boas propriedades de um organismo meramente a partir da seleção que ocorre na luta pela existência entre os indivíduos!” (Nachlass/FP da primavera-verão de 1883, KSA 10.304).

---

<sup>4</sup> Cf. ROUX, W., *op. cit.*, pp. 57 ss.

<sup>5</sup> “Que a ‘hereditariedade’ enquanto algo inteiramente não explicado, não pode ser usado para explicações, mas apenas para designação, fixação de um problema. O mesmo vale para a ‘faculdade de adaptação’. De fato, através da apresentação morfológica, suposto que ela esteja completa, não se *explica*, mas se *descreve* um enorme estado de fato. Como pode um órgão ser utilizado para qualquer finalidade que seja, isso não está explicado. Com a admissão de *causae finales* se explica tão pouco sobre essas coisas quanto com *causae efficientes*. O conceito ‘*causa*’ é apenas meio de expressão, nada mais; um meio para designação” (Nachlass/FP de junho-julho de 1885, 3 [28], KSA 11.562).

Na verdade, mais que se opor ao darwinismo, as observações de Roux pretendiam completá-lo na medida em que era evidente que o mecanismo da seleção natural não era capaz de explicar as variações nas distintas funções internas dos indivíduos. Por exemplo, apelando ao darwinismo, não se podia explicar o desenvolvimento e as múltiplas e complexas diferenças na circulação sanguínea. Não se trata de diferenças produzidas por acaso e logo selecionadas na luta externa pela existência. Donde Roux postulará a ideia de autorregulação e de uma diferenciação interna que se realiza através do processo de adaptação funcional. Então, a partir dessa perspectiva, o desenvolvimento dos vasos sanguíneos se produz em virtude do impulso do fluxo sanguíneo. Um órgão atua sobre outro, no fundo, o que de fato ocorre é uma luta entre tais órgãos e, em geral, entre as partes que compõem o organismo em função de gradações diversamente diferenciadas<sup>6</sup>. Em revanche, Roux aceita sem reservas a ideia de luta, seguindo a inspiração de Darwin, mas a aplica para explicar processos internos de seleção<sup>7</sup>. Em todo caso, Roux conclui que as intuições de filósofos antigos como Heráclito e Empédocles já apontavam para uma explicação das formas estáveis da natureza como resultado do conflito entre forças opostas, intuições que, hoje, teria de reformular a partir dos dados oferecidos pela investigação empírica e científica.

Com efeito, para Roux, a luta é o elemento essencial dos processos de formação das células, dos tecidos e dos órgãos, de modo que se trata de uma luta com um alcance muito maior que aquele expressado pelo próprio Darwin e seu mecanismo da seleção natural. A luta entre os tecidos se converte em um princípio regulador, um princípio de autoestruturação funcional das relações de força mais

---

<sup>6</sup> Cf. ROUX, W., *op. cit.*, p. 38.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 73 ss.

apropriadas<sup>8</sup>. Roux concebia essa luta a partir de uma ótica mecanicista e distinguia três modalidades essenciais: a luta por espaço, a luta por alimento e a luta direta. No interior das células, a partícula que fosse capaz de metabolizar mais rapidamente que as outras, regenerando-se de forma mais eficaz, ampliaria seu espaço vital com uma força maior que outra partícula com um grau menor de assimilação. Ou seja, a primeira partícula ocupará o espaço da segunda e, se o processo se repetir, a segunda partícula será novamente deslocada e assim até desaparecer. O mesmo processo terá lugar se, em vez de espaço, a luta for por alimento: as partículas que vencem são as que assimilam melhor e se regeneram mais rapidamente. Roux explica, nesse sentido, o crescimento como consequência de um superávit de força que resulta da relação entre assimilação e consumo. Nietzsche resume nestes termos o pensamento de Roux a esse respeito:

1) Luta das partes por espaço, por alimento, seja ela com ou sem influência de estímulos; 2) luta direta com destruição ou assimilação do mais fraco; 3) os mais fortes deixam mais descendentes que os mais fracos. Têm sempre a proeminência aqueles que, com menor afinidade, regeneram-se mais facilmente e consomem menos; *melhor capacidade de nutrir-se e menor consumo para satisfazer as próprias necessidades*

---

<sup>8</sup> *Idem*, pp. 215 ss. “Tecidos que são demasiado *vigorosos*, mesmo quando ainda seriam úteis, levam ao perecimento do todo. Os tumores, por exemplo, são tecidos dotados de tal vigor anormal: desdobram-se às custas da nutrição e do espaço dos outros e destroem o todo.

O *enfraquecimento* anormal de um tecido basta para que outro possa conservar a *preponderância*.

A falta de equilíbrio entre os tecidos conduz rapidamente à morte do indivíduo e à *eliminação* do mesmo *do âmbito dos viventes*, assim como à eliminação de sua *qualidade desvantajosa*: sobram meros estados de equilíbrio: assim seria *cultivada* uma *unidade harmônica de todo o organismo* através da auto-eliminação do divergente” (Nachlass/FP da primavera-verão de 1883, KSA 10.302-303).

(...) Quando da escassez de alimento, os primeiros a morrer de fome e a extinguir-se são os que *consomem* mais alimento (Nachlass/FP da primavera-verão de 1883, 7 [86], KSA 10.272)<sup>9</sup>.

Concluindo, a partir do exame detido das teorias de Roux, Nietzsche reconfigura sua ideia de dinamismo interno do orgânico frente ao darwinismo. A ideia mesma de que a formação tem uma origem interna não lhe era nova. Já na *Segunda Extemporânea* o filósofo falava de uma força plástica no homem que constrói formas estáveis frente ao fluxo e à diversidade do acontecer histórico, para poder incorporar o passado ao assimilá-lo como algo próprio. Diz Nietzsche: “o movimento não pode ser condicionado de fora – não pode ser *causado*... Preciso de inícios e de centros de movimento a partir dos quais a vontade se expande...” (Nachlass/FP da primavera de 1888, 14 [98], KSA 13.274). A influência das “circunstâncias externas” foi superestimada até o absurdo por Darwin:

O essencial no processo vital é precisamente esse enorme poder [*Gewalt*] configurador [*gestaltende*], criador de formas [*formschaffende*] a partir de dentro, que se *aproveita* e *explora* as “circunstâncias externas”... – que as novas formas [*Formen*] formadas [*gebildeten*] a partir de dentro não são moldadas [*geformt*] com vistas a uma finalidade, mas que, na luta das partes, uma nova forma não permanecerá por muito tempo se não estiver em relação com uma utilidade parcial e, assim, de acordo com o uso, configurar-se-á [*ausgestaltet*] sempre mais perfeitamente (Nachlass/FP do fim de 1886-primavera de 1887, 7 [25], KSA. 12.304).

---

<sup>9</sup> Cf. também 7 [95].

## 2. *A luta pela luta ou como tornar-se cada vez mais forte*

Em sua aproximação com as investigações e teorias científicas relativas às ciências da natureza, Nietzsche busca modelos de elucidação e formalização para suas intuições filosóficas. A compreensão do organismo como um complexo de partes que lutam entre si em função de suas diversas graduações de força será decisiva para a formulação de seu conceito de vontade de potência como multiplicidade de forças que se contrapõem. Para o Nietzsche maduro, todos os seres terão o caráter de organizações configuradas como estruturas de dominação. E de tal ideia será derivada, como importantíssima consequência, que a vida não se desenvolve a partir de um simples instinto de autoconservação, como postulavam os evolucionistas darwinianos. A leitura de *O Organismo como luta interna* de Roux o convenceu de que todo ser vivo tem de conquistar continuamente sua unidade orgânica mediante um processo de luta, assimilação e autossuperação. O impulso básico da vida não é conservar uma unidade ou uma identidade estável alguma vez conseguida, mas sim nutrir-se, crescer e exceder em cada momento o já alcançado, esforçando-se para tornar-se cada vez mais forte e ser mais, apropriando-se de tudo aquilo que lhe puder fazer crescer. Assim, acima do impulso de autoconservação há outro mais forte, poderoso e originário que é a vontade de todo ser vivo de desenvolver sua própria energia e atualizar todas as suas potencialidades. Essa vontade atua – ou luta – sobre o meio – ou com o meio – para nutrir-se e crescer, interpretando-o para assimilá-lo ou recusá-lo. Nietzsche recusa claramente a ideia de um instinto de autoconservação teleologicamente dirigido a preservar a vida pelo maior tempo possível como instinto humano fundamental<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Nietzsche considerará claramente redutor pensar na autoconservação como principal, senão o único, objetivo da luta pela vida. Sem degeneração (*Entartung*) do

Entender todo ser como organização estruturada em termos de dominação implica assim postular uma desigualdade entre seus elementos na qual uma luta é suscitada<sup>11</sup>. Onde há vida, há

uma formação cooperativa [*genossenschaftliche*] em que os companheiros [*Genossen*] lutam pela alimentação, pelo espaço, onde os mais fracos se juntam, vivem menos, têm menos descendentes: a heterogeneidade domina nas menores coisas, espermatozóides, óvulos – a igualdade é uma grande loucura. Inumeráveis seres perecem na luta, alguns casos raros se conservam (Nachlass/FP da primavera-outono de 1881, 11 [132], KSA 9.490).

---

que é fixo e estável não existe a possibilidade do progresso, pois o enfraquecimento do estável é condição para o reforço do novo. O progresso surge do diferente e degenera e perturba a ordem existente. Nesse sentido, Nietzsche defende que o determinante para o progresso não é a luta pela existência, mas aquilo que surge como uma exceção ao sistema uniforme da comunidade que só quer autoconservar-se. Tal é o sentido de seu famoso fragmento intitulado “Anti-Darwin” (Nachlass/FP da primavera de 1888, 14 [123], KSA 13.303), no qual o filósofo imputa a Darwin a descrição de uma realidade na qual a vida se preza a reprimir tudo o que ameaça sua própria conservação. Em tal caso, os mais pobremente dotados, ou seja, os que só vivem bem na uniformidade do rebanho e da tribo, subordinam tudo ao instinto de autoconservação. Em revanche, os que são efetivamente fortes e mais bem dotados são os que atuam individualmente e com independência das estruturas impostas pela comunidade e, por isso, são considerados pelo rebanho como uma anomalia ou anormalidade que deve ser imediatamente reintegrada e regularizada, ou até, eliminada. Conclusão: o forte, o mais bem dotado, as naturezas ricas e complexas, os que criam coisas novas são a exceção, enquanto os mais fracos, incapazes de viver sem os esquemas regularizados daquilo que confere estabilidade e fixidez ao sistema social, são os que perduram e se multiplicam.

<sup>11</sup> Nachlass/FP da primavera-verão de 1883, 7 [93], KSA 10.274.

Eis o modelo que Nietzsche aplica para sua compreensão do corpo como multiplicidade hierarquizada de seres vivos que cooperam mediante uma luta com a qual mantêm uma relativa autonomia<sup>12</sup>. A vida é essencialmente apropriação, assimilação do estranho e mais fraco, redução da alteridade (do outro ou diferente) ao idêntico ou igual (*gleich*), um tornar-igual (*Gleich-machen*) o diferente. Mediante esse processo, uma relativa autonomia ou autossuficiência parece impor-se logicamente como aspecto distintivo dos centros de força do corpo. O vivente é o que, graças à “autoconstituição do necessário para ele”, se basta a si mesmo<sup>13</sup>. Uma assimilação eficaz e superabundante determinará, assim, um crescimento rápido, enquanto a persistência de um centro de força estiver garantida pelo princípio de autorregulação que mantém a harmonia funcional do conjunto. E tudo isso é resultado de uma luta incessante que parte do interior, sendo ela também estimulada e condicionada pela influência do meio.

Afinal, apesar da crítica de Nietzsche ao princípio darwiniano da seleção natural, as influências externas não se minimizam. Uma vez que cada parte dentro de um organismo se desenvolveu e se diferenciou, o crescimento e, em alguns casos, incluindo a substituição

---

<sup>12</sup> Cf. Nachlass/FP da primavera-verão de 1883, 7 [92], KSA 10. 273. “A magnífica conexão da vida mais variada, a disposição [*Anordnung*] e ordenação [*Einordnung*] das atividades mais altas e mais baixas, a obediência de mil faces que não é nenhuma obediência cega, muito menos mecânica, mas seletiva, esperta, reverente, é até mesmo obediência que impõe resistência – todo esse fenômeno ‘corpo’ é, medido segundo a medida intelectual, tão superior à nossa consciência, ao nosso ‘espírito’, ao nosso pensar consciente, ao sentir, ao querer, tal como a Álgebra o é em relação à tabuada” (Nachlass/FP de junho-julho de 1885, 37 [4], KSA 11.577). Esse fragmento, do qual citamos apenas uma pequena parte, reproduz frases literais do capítulo 1 da *Patologia Celular* de Rudolf Virchow (*Die Cellularpathologie in ihrer Begründung auf physiologische und pathologische Gewebelehre dargestellt*. 3.ed. Berlin: Hirschwald, 1862).

<sup>13</sup> Cf. JGB/BM § 230, KSA 5.167.

total do que se chegou a assimilar, só tem lugar mediante o efeito de um estímulo. Roux já falava da excitação como indispensável para o desenvolvimento dos processos vitais enquanto fator, junto com a nutrição, de diferenciação e estruturação. Nietzsche diz: “Processos emergem em que a excitação torna-se necessária, torna-se *excitação vital*” (Nachlass/FP da primavera-verão de 1883, 7 [98], KSA 10.275). Segundo Roux, o crescimento não se produz se o organismo não for ativado pelo que ele chamava de “excitação funcional”. Por exemplo, a nutrição – que é tanto para Roux quanto para Nietzsche o melhor paradigma da “assimilação” – não é mais que a resposta ativa das partes do organismo para uma excitação prévia. Essa noção de excitação ou estímulo (*Reiz*) era compartilhada por muitos outros biólogos da época e está presente, especificamente, também em Virchow e Claude Bernard, que repete: “Sem excitação não há trabalho orgânico”. Em todo caso, não basta dizer que a assimilação (unificação subjetiva) é o que condiciona a excitação (a diversidade do que acontece), é preciso compreender que as excitações atuam por sua vez sobre suas condições de possibilidade<sup>14</sup>. Em suma, para Nietzsche, a dependência de estímulos externos não substitui o trabalho interno de autoestruturação:

À *escolha* ativa, quantitativa e qualitativa de *alimento* das células, que determina todo seu desenvolvimento, corresponde que o homem também *escolhe* os acontecimentos e estímulos, portanto, procede ativamente entre tudo o que lhe penetra casualmente – assim, *recusa* muitas coisas (Nachlass/FP da primavera-verão de 1883, 7 [196], KSA 10.304).

<sup>14</sup> BERNARD, C. *Leçons sur les phénomènes de la vie communs aux animaux et aux végétaux*. Paris: Baillière, 1878. Cf. Nachlass/FP do outono de 1885-primavera de 1886, 1 [128], KSA 12.41.

Tal é o contexto teórico no qual Nietzsche gesta sua ideia de que todo ser pode ser reconduzido, em última instância, à forma básica da vontade de potência, explicando-se a diversidade dos fenômenos da natureza, da vida e do mundo à luz dela<sup>15</sup>. O pensamento, o sentimento, o querer assim como as funções orgânicas, a nutrição, a reprodução seriam ramificações especializadas da vontade de potência em sua tendência constitutiva a atingir sua possibilidade máxima. A vontade mais forte dirige a mais fraca, pois não há outra causalidade que não a de vontade à vontade. O pensamento, tal como a nutrição, é apenas expressão da insaciável apropriação da vontade de potência. A reprodução, em revanche, expressa a desagregação que advém quando as forças dominantes tornam-se sobrecarregadas pela tarefa de organizar internamente tudo aquilo que foi apropriado. Em qualquer caso, a partir do ponto de vista da vontade de potência, toda mudança, todo movimento são explicados como ação de forças umas sobre as outras. O mundo é um vir-a-ser conjunto de processos de equilíbrios de forças dos quais nosso corpo é exemplo como constelação hierarquizada de sistemas ligados para uma atividade comum. Não há motivos empíricos que nos fariam pensar em regularidades que se mantêm. Ao contrário, pareceria que um estado atingido deveria se conservar se não houvesse nele um

---

<sup>15</sup> Para a discussão sobre esse controvertido conceito na perspectiva aqui adotada, cf. MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsches Lehre vom Willen zur Macht*. In: *Nietzsche-Studien*, Berlim, Walter de Gruyter, 1974, p. 1-60; BAUER, M. *Zur Genealogie von Nietzsches Kraftbegriff: Nietzsches Auseinandersetzung mit J. T. Vogt*. In: *Nietzsche-Studien*, Berlim, Walter de Gruyter, 1984, p. 221-227; BABICH, B. *Nietzsche and the Philosophy of Scientific Power: Will to Power as Constructive Interpretation*. In: *International Studies of Philosophy*, n. 22, p. 78-91, 1990; AVILA CRESPO, R. *Identidad y tragedia. Nietzsche y la fragmentación del sujeto*. Barcelona: Crítica, 1999, p. 190 ss.; BARRIOS, M. *La voluntad de poder como amor*. Madrid: Arena Libros, 2007, p. 113 ss.; SÁNCHEZ MECA, D. *Nietzsche: La experiencia dionisíaca del mundo*. 3. ed. Madrid: Tecnos, 2008, p. 119 ss.

impulso a não querer conservar-se. Contra o princípio espinosista da conservação de si, Nietzsche diz – em cada ser vivo é possível mostrar do modo mais claro que ele faz todo o possível não para se conservar, mas para chegar a ser mais. Em suma, dizer que o mundo é vontade de potência é compreendê-lo como um fenômeno de lutas entre centros de força que se hierarquizam em função de suas desigualdades e do domínio de uns sobre outros. E isso porque seu ser consiste não em conservar-se, mas em exercer seu poder sobre outras forças que se lhe resistem. Portanto, não conservação de energia, mas querer ser mais forte por parte de qualquer centro de força; não preservação de si mesmo, mas vontade de apropriar-se, de apoderar-se do estranho para ser mais e poder mais. A hipótese de que se parte aqui para abarcar o caráter geral da existência se explica como esforço em direção ao poder.

Quando dois seres orgânicos colidem, quando só há luta pela vida ou pela alimentação: como? É preciso que haja a luta pela luta: e *dominar* é suportar o contrapeso da força mais fraca, portanto, uma espécie de *prorrogação* da luta. *Obedecer* também é uma *luta*: enquanto ainda *restar* força para resistir (Nachlass/FP do verão-outono de 1884, 26 [276], KSA 11.222).

O instinto de conservação não é o instinto radical: pelo contrário, “o vivente quer *dar vazão* à sua força – ele “quer” e “tem de” (ambos os termos valem o mesmo para mim!): a conservação é apenas uma *consequência*” (Nachlass/FP do verão-outono de 1884, 26 [277], KSA 11.222-223). Mas esse “ter de” descarregar a própria força é sempre uma questão de poder<sup>16</sup>. Com ela, cada ser tenciona fazer

---

<sup>16</sup> Há uma influência direta em Nietzsche, no que diz respeito a essa concepção de descarga da força como necessidade, do livro de J. R. Mayer, *Mechanik der Wärme*.

de si um ser cada vez mais forte, o que só poderá atingir mediante a luta que trava com aquilo que lhe resiste:

A vontade de potência só pode manifestar-se face a *resistências*; procura aquilo que lhe resiste, – essa é a tendência originária do protoplasma quando estende seus pseudópodes e tateia à sua volta. A apropriação e incorporação são sobretudo um querer-subjugar, um formar, conformar e transformar [*ein Formen, An- und Umbilden*], até que, no fim, o subjugado esteja completamente sob o poder do atacante, somado a este (Nachlass/FP do outono de 1887, (104) 9 [151], KSA 12.424).

Portanto, quando uma vontade de potência se contrapõe a outra que lhe resiste, aspirando a conquistá-la e a incorporá-la, a incorporação e a apropriação se cumprem por meio de uma transformação até que o conquistado esteja totalmente sob o poder da força agressora e faça com que esta aumente. Já no protoplasma, quando estende seus pseudópodes buscando algo que lhe resista, sua motivação última não é a fome, mas sua vontade de potência. O que o protoplasma faz é tencionar a superar aquilo que lhe resiste, de apropriar-se dele, de incorporá-lo. E o que se denomina “nutrição” – diz Nietzsche – é meramente um fenômeno ulterior, uma aplicação utilitária dessa vontade originária de chegar a ser mais forte<sup>17</sup>. A fome não é, pois, o instinto principal, tampouco o é

---

Stuttgart: Kotta, 1874, assim como de outro estudo de mesmo autor publicado dois anos depois e intitulado *Über Auslösung*. O próprio Nietzsche fala dele na carta a Peter Gast de 16 de abril de 1881. Em ambos os escritos, Mayer relaciona todas as manifestações de movimento, tanto no mundo orgânico como no inorgânico, com processos de liberação de forças que não podem ser medidas ou compreendidas matematicamente. Cf. MITTASCH, A. *op. cit.*, pp. 120-127; cf. também MITTASCH, A. *Friedrich Nietzsche Naturbeflissenheit*. Heidelberg: Springer, 1950.

<sup>17</sup> Nachlass/FP da primavera de 1888, 14 [174], KSA 13.360-362.

a autoconservação. De modo que a fome, concebida como consequência da infranutrição, significa a fome como consequência de uma vontade de potência que não chega a ser dominante.

Por outro lado, essa busca por resistências para superar a própria potência pressupõe um esforço contínuo e, portanto, um desprazer. Nietzsche destaca essa ideia do desprazer como elemento constitutivo de toda atividade dirigida a vencer resistências e a situar-se sobre algo que deve ser superado. Na medida em que a vontade de potência aspira a confrontar-se com resistências como meio necessário para aumentar sua própria potência, há uma certa vontade de sofrimento ao fundo de toda vida orgânica que contradiz a eudemonista ideia da “felicidade” como “meta” do comportamento<sup>18</sup>. Trata-se, não obstante, de um desprazer oposto ao que resulta de uma perda ou diminuição de potência, ou seja, ao desprazer que é consequência da fraqueza e do cansaço que subjazem à incapacidade de lutar e resistir. O corolário que resulta da concepção da vontade de potência como vontade incessante para a compreensão de nossas ideias sobre prazer e desprazer não deixa de ser chamativo. Pois, a partir dessa perspectiva, o ser humano não buscaria o prazer nem evitaria o desprazer como impulsos ou motivações básicos de sua conduta, tal como nos ensinam a maioria dos psicólogos:

Prazer e desprazer são meras consequências [*Folge*], meros fenômenos concomitantes, – o que o homem quer, o que todas as menores partes de um organismo querem é um acréscimo de potência. Ao esforçar-se por isso, seguem-se [*folgt*] tanto prazer quanto desprazer; a partir daquela vontade, o organismo busca resistências, carece de algo que se lhe oponha. O desprazer, enquanto obstáculo de sua vontade de potência, é, pois, um *faktum* normal, o ingrediente normal de todo

---

<sup>18</sup> Cf. Nachlass/FP do verão-outono de 1884, 26 [274], KSA 11.221-222.

acontecer orgânico, o homem não se esquivava do desprazer, ao contrário, toma-o continuamente como necessário: todo triunfo, todo sentimento de prazer, todo acontecer pressupõe uma resistência superada (Nachlass/FP da primavera de 1888, 14 [174], KSA 13. 360).

O desprazer, pois, atuaria em situações normais, segundo esse paradigma explicativo, como estímulo do sentimento de potência. Simplesmente não se deve confundir o desprazer com essa espécie particular de desprazer que é o do esgotamento, o qual representa certamente uma profunda diminuição e depressão da vontade de potência, uma sensível perda de força, um estado de esgotamento no qual o único prazer que ainda se sente é o adormecer; o prazer, no outro caso, é o da vitória<sup>19</sup>.

### 3. *Comandar e obedecer*

Porém, a originalidade da concepção nietzschiana da vontade de potência se mostra, sobretudo, quando ela é confrontada com o modo usual pelo qual a ciência moderna compreendeu e tematizou o movimento, a ação ou o acontecer do mundo. Se não há mais causalidade que não a que se exerce de vontade à vontade<sup>20</sup>, então essa causalidade deve ser de uma classe distinta da relação causa-efeito

---

<sup>19</sup> “A grande confusão dos psicólogos consistia em que não haviam distinguido esses dois *modos de prazer*, o adormecer e o triunfo. Os esgotados querem repouso, esticar os membros, paz, calma – eis a *felicidade* das religiões e filosofias niilistas. Os ricos e viventes querem triunfo, adversários superados, o transbordar do sentimento de potência para campos mais distantes do que ocorreu até aqui: todas as funções sadias do organismo têm essa carência, – e todo o organismo, até à idade da puberdade, é um tal complexo de sistemas que luta por crescimento do sentimento de potência” (Nachlass/FP da primavera de 1888, 14 [174], KSA 13.360).

<sup>20</sup> Nachlass/FP de maio-julho de 1885, 35 [15], KSA 11.513-514.

que serve como chave explicativa fundamental para o pensamento mecanicista. Nietzsche propõe um modelo novo, o da relação entre comandar e obedecer, modelo que pode ser expresso de modo conciso da seguinte maneira: “Um superior, mais forte ordena e anuncia *seu* sentimento como *lei* para os outros” (Nachlass/FP da primavera de 1888, 25 [452], KSA 11.133). Ou também desta maneira:

Uma luta [*Kampf*], pressupondo que se entenda essa palavra de maneira tão profunda e longínqua, para que também se entenda como um combate [*Ring*] a relação do dominante com o dominado, e para que se entenda a relação do que obedece com o que domina como uma resistência (Nachlass/FP de agosto-setembro de 1885, 40 [55], KSA 11.655).

Os pressupostos metafísicos sobre os quais se baseava a explicação mecanicista do mundo terminaram-se por se converter em pura fábula. O mundo não é nada além de um conflito de forças cujo vir-a-ser não procede de uma única força que pudesse ser pensada como causa. As constâncias que cremos ver nas leis naturais não passam de criações nossas. Pois compreender o mundo significa, para nós, poder calculá-lo e, para tanto, necessitamos de pontos de referência estáveis à maneira das “leis naturais”. Contudo, tais leis não se encontram na realidade, mas são apenas posições de sentido que nós fazemos<sup>21</sup>. O mesmo acontece com os conceitos

---

<sup>21</sup> “Para que se apreenda o mundo, é preciso que sejamos capazes de calculá-lo; para que sejamos capazes de calculá-lo, precisamos ter causas constantes; por não encontrarmos na efetividade nenhuma dessas causas constantes, *ficcionamos-las* algumas: o átomo. Eis a procedência da atomística. A calculabilidade do mundo, o caráter exprimível em fórmulas de todo acontecer – seria isso efetivamente ‘apreender’? (...) Assim, ‘causas constantes’, coisas, substâncias, portanto algo ‘incondicionado’; *ficcionado* – o que se alcançou?” (Nachlass/FP de agosto-setembro de 1885, 40 [55], KSA 11.655).

com os quais categorizamos cientificamente. O conceito de átomo, por exemplo, enquanto componente último da matéria e que nos permite entendê-la como estrutura constante, não é senão uma ficção interpretativa<sup>22</sup>.

Em todo acontecer se trata somente de uma luta entre vontades de potência que não está regida por nenhuma lei, mas sim dominada apenas pelo impulso de cada ponto de força a ser mais, vencendo resistências. Reduzir o vir-a-ser do mundo a fórmulas e leis é somente o resultado de sua utilidade para nós. E se o ponto de vista mecanicista é superficial, tampouco resulta mais apropriada a perspectiva teleológica. A pressuposição de causas finais no acontecer não é senão a intromissão, na explicação do mundo, de um preconceito moral alheio ao funcionamento da natureza:

Faz parte do conceito de vivente que ele tem de crescer, – que ele estende sua potência e, por conseguinte, tem de incluir em si forças estranhas. Fala-se, em meio à obnubilação da narcose moral, de um direito do indivíduo a se defender: no mesmo sentido, seria permitido falar de seu direito a atacar: pois *ambos* – e o segundo ainda mais que o primeiro – são necessidades de todo vivente – os egoísmos agressivo e defensivo não são objetos de escolha, tampouco da “vontade livre”, mas sim, são a *fatalidade* da vida mesma (Nachlass/FP da primavera de 1888, 14 [192], KSA 13.378-379).

Isso quer dizer que Nietzsche entende a necessidade que as leis naturais parecem expressar como a necessidade com que ocorrem as lutas entre vontades de potência. Pois toda força, por sua própria realidade de força determinada, só se mantém como tal

---

<sup>22</sup> Cf. Nachlass/FP da primavera de 1888 14 [186] e 14 [79], KSA 13.373 e 257-260, respectivamente.

em virtude das relações de coação e resistência que mantém com outros centros de força:

Guardo-me de falar em “*leis* químicas”: isso tem um ressaibo moral. Trata-se muito mais de uma colocação firme e absoluta de relações de potência: o mais forte torna-se senhor do mais fraco enquanto este não for capaz de impor seu grau de autonomia. (Nachlass/FP de junho-julho de 1885, 36 [18], KSA 11. 559)<sup>23</sup>.

O mundo, pois, é um caos de organizações de potência em contínuo movimento de transformação. Cada ente não passa de uma estrutura de dominação inserida numa rede hierarquizada de *quanta* ou quantidades de potência. No ser humano, em concreto, “Cada impulso é um modo de ânsia por assenhoreamento, cada um tem sua perspectiva que ele gostaria de impor como norma a todos os impulsos restantes” (Nachlass/FP do fim de 1886-primavera de 1887, 7 [60], KSA 12.315). E, em seu conjunto, os impulsos se associam uns com os outros pontualmente em função das estratégias de luta, de modo que os resultados dessa luta produzem modificações e deslocamentos incessantes dos equilíbrios de potência<sup>24</sup>. No mundo

---

<sup>23</sup> “A sucessão [*Aufeinanderfolge*] inalterável de certos fenômenos não demonstra nenhuma ‘lei’, mas sim uma relação de potência entre duas ou mais forças. Dizer: ‘mas justamente essa relação permanece igual a si mesma’ não quer dizer outra coisa que não: ‘uma e a mesma força não pode ser também uma outra força’. – Não se trata de *um-depois-do-outro* [*Nacheinander*], – mas de *um-dentro-do-outro* [*Ineinander*], um processo no qual os momentos individuais que se seguem *não* se condicionam como causa e efeito (...)” (Nachlass/FP do outono de 1885-outono de 1886, 2 [139], KSA 12.135).

<sup>24</sup> “A memória é excitada pelos impulsos a devolver seu material. – Através de todo impulso se estimula também seu contra-impulso, e não apenas este, mas também outros, como nos harmônicos, cuja relação não pode ser designada com uma palavra tão corrente como ‘antagonismo’ [*Gegensatz*]” (Nachlass/FP do outono de 1880, 6 [63], KSA 9.210).

orgânico, todo acontecer tem, como pano de fundo essas relações complexas de forças díspares, de modo que se nele se percebem entidades estáveis e formas duradouras, é porque se interpreta sua multiplicidade dinâmica como organização de um jogo recíproco e regrado entre elas. No âmbito humano, por exemplo,

a duração, a igualdade consigo mesmo, o ser não inerem nem ao que é chamado de sujeito nem ao que é chamado de objeto: são complexos do acontecer aparente, duradouros com relação a outros complexos – assim, por exemplo, por meio de uma diferença no tempo do acontecer, (repouso-movimento, firme-frouxo): antagonismos que não existem em si e, com eles, expressam-se de fato apenas *diferenças de grau* que, para uma certa medida de óptica, se mostram como antagonismos (Nachlass/FP do outono de 1887, 9 [91], KSA 12.384).

O mesmo ocorre no mundo inorgânico, de modo que qualquer acontecer não é senão um ritmo, um jogo de ações e reações, de aumentos e diminuições de força em relações cambiantes de tensão e enfrentamento com outras quantidades de força, cujo ser consiste apenas nessa relação de coação e resistência que toda força, enquanto tal, mantém com as demais.

Como consequência, o elemento chave da concepção nietzschiiana de vontade de potência é a capacidade das forças para dominar no seio de uma organização dinâmica, dominação que não cabe ser explicada nem mecânica nem teleologicamente. Portanto, não é realmente o superávit de assimilação de potência que, em último lugar, produz o desenvolvimento do orgânico, mas sim o poder de comandar e controlar. A vontade de potência não é nem o ser nem o vir-a-ser, mas uma ação, como diz mais exatamente Nietzsche: “um *pathos*, o estado de fato mais elementar a partir do qual resultam apenas um vir-a-ser, um efeito” (Nachlass/FP da primavera de 1888, 14 [79],

KSA 13.259)<sup>25</sup>. Para explicar o vir-a-ser do mundo ou o mundo como vir-a-ser em termos de luta entre vontades de potência, é preciso analisar a funcionalidade e as implicações do modelo comandar-obedecer, e o primeiro elemento a se destacar é a compreensão do comandar como esse *pathos* do querer<sup>26</sup>.

Querer é *comandar*: mas comandar é um *afeto* determinado (esse afeto é uma *explosão repentina de força*) – tenso, claro, com exclusivamente uma coisa em vista, mais íntima convicção da superioridade, certeza de que se será obedecido – “liberdade da vontade” é o “sentimento de superioridade do comandante” em relação ao que obedece: “eu sou livre, e aquele tem de obedecer” (Nachlass/FP da primavera de 1884, 25 [436], KSA 11.127).

O *pathos* do comando se apóia, pois, sobre o sentimento de superioridade da força que comanda em relação ao que obedece. Assim, o comandar transmite algo, mas o que se transmite não é nem a expressão mesma da ordem nem seu conteúdo. Comandar,

---

<sup>25</sup> Parece evidente que Nietzsche cunha a expressão “vontade de potência” com a intenção de impedir sua compreensão “imediata”. Pois utiliza o termo “vontade” sendo que argumenta às vezes que a vontade não existe, sendo esta apenas uma palavra vazia. E utiliza o termo “potência” que espontaneamente sugere o poder político, social, econômico, etc. Vontade de potência, em Nietzsche, não significa, pois, o que à primeira vista parece denotar: aspiração ao poder, desejo de dominar, etc. Na realidade, vontade de potência é, para o filósofo, o afeto de comando e sua execução: “Um *quantum* de potência se define pelo efeito que produz e pelo efeito a que resiste” (Nachlass/FP da primavera de 1888, 14 [79], KSA 13.258. Trad. Scarlett Marton).

<sup>26</sup> “Vontade – um comando: mas, na medida em que no fundo desse ato consciente jaz um ato inconsciente, precisamos pensar apenas este como eficiente. Mas e quando de um comando a um que obedece? A palavra de comando *não* atua como palavra, *não* como som, mas como o que se oculta *atrás* do som: e em virtude dessa ação algo é levado a cabo” (Nachlass/FP da primavera de 1884, 25 [389], KSA 11.133).

enquanto ação consciente, oculta outra ação inconsciente na qual se esconde o autêntico processo. Nietzsche destaca que o comando de uma vontade de potência a outra conduz à modificação conseqüente desta. A luta entre vontades de potência consiste nesse processo recíproco: “a única *força* que há é de mesmo modo da da vontade: um comandar outros sujeitos que, por conseguinte, se alteram” (Nachlass/FP de agosto-setembro de 1885, 40 [42], KSA 11. 650). Portanto, o que se oculta na relação comandar-obedecer é a transmissão de um impulso que se inicia na vontade de potência que comanda e que tem como consequência que os que obedecem se transformam a partir de dentro, a partir de si mesmos, como o exige a ideia de autorregulação que Nietzsche defende frente ao darwinismo. O que leva a cabo o comandar é a ativação dessa força de estruturação, desse poder interior de criação de formas na vontade de potência que obedece. De modo que a vontade de potência se expressa não só no ato de comandar e dominar por parte do que se acumula e expande sua força, mas também através do que é dominado e submetido.

Ao compreender a vontade de potência como um *pathos*, como o afeto do comando nos termos expostos, não é, pois, correto falar em “causas do querer”, mas sim de excitações do querer para iniciar seu movimento:

(...) há um *engano* acerca da vontade: a vontade não supera a resistência – operamos uma síntese entre dois estados simultâneos e introduzimos uma *unidade*. A vontade como ficção. 1) crê-se que ela mesma move (enquanto ela é apenas um estímulo, com cuja entrada se inicia um movimento. 2) crê-se que ela supera resistências. 3) crê-se que ela é livre e soberana, pois sua origem nos permanece oculta e porque o afeto do comandante a acompanha. 4) porque na maioria dos casos só se *quer* quando o sucesso pode ser *esperado*, o “caráter necessário” do sucesso é atribuído à vontade como *força* (Nachlass/FP do verão-outono de 1884, 27 [24], KSA 11.281-282).

A excitação, pois, move liberando desse modo sua força que impulsiona outra força a aceitar a excitação. Assim, a aceitação da excitação por parte de outro centro de força se converte num contramovimento autônomo<sup>27</sup>. Tal é o marco preciso para entender a ideia nietzschiana de hierarquia oriunda da luta incessante entre vontades de potência. A relação entre o que comanda e o que obedece estabelece uma hierarquia cujo modelo último Nietzsche encontra na interdependência dos órgãos e dos instintos e na diferença que dela resulta entre funções superiores e inferiores: “Diferença entre funções *inferiores* e *superiores*: hierarquia dos órgãos e impulsos apresentada pelo que comanda e pelo que obedece” (Nachlass/FP da primavera de 1884, 24 [411], KSA 11.119).

#### *4. O caráter interpretativo de todo acontecer*

A vontade de potência se manifesta, pois, sobretudo como apropriação, assimilação, incorporação. O crescimento de potência requer a assimilação de forças externas mediante a luta, pois a vontade de potência não é outra coisa que não essa luta mesma cuja consequência é o acréscimo de força. Essa incorporação de forças estranhas constitui, assim, um querer superar e transformar, de modo que o vencido é assimilado até estar por completo sob o poder da vontade conquistadora e, desse modo, faça aumentar seu *quantum*

---

<sup>27</sup> “No menor dos organismos se formam constantemente forças que logo têm de se descarregar: seja a partir de si, quando há *abundância*, seja com um estímulo vindo de fora. *Para onde* se volta a força? Certamente para o *habitual*: portanto, *para onde os estímulos conduzem*, para lá também se moverá a descarga *espontânea*. Os estímulos mais freqüentes *também educam a direção da descarga espontânea*. (Nachlass/FP da primavera-outono de 1881, 11 [139], KSA 9.493).

de potência. Tal é o marco conceitual em que Nietzsche afirma que o processo orgânico pressupõe continuamente o interpretar:

A vontade de potência *interpreta*: na formação de um órgão se trata de uma interpretação; ela delimita, determina graus, diferenças de potência. Meras diferenças de potência ainda não poderiam se sentir como tais: é preciso que lá esteja algo que-queira-crescer, que interprete todos os outros que-querem-crescer a partir de seu valor. (...) Na verdade, *interpretação é um meio mesmo para se tornar senhor de algo. (O processo orgânico pressupõe contínuo interpretar)* (Nachlass/FP do outono de 1885-outono de 1886, 2 [148], KSA 12.139-140).

Se a vontade de potência é vontade de mais potência, a interpretação é a operação concreta da aquisição de domínio sobre as coisas. Em seu querer crescer, a vontade de potência delimita, estabelece graus, diferenças de potência que se sentem a si mesmas como tais, em virtude da confrontação, isto é, estima as demais vontades que também querem potência a partir do sentimento de seu próprio valor. Porém, enquanto isso significa dispor sempre de energia nova e de maior força, a vontade de potência se especializa basicamente como vontade de nutrição, de apropriação, de instrumentalização, mobilizando uma atividade configuradora. Assim, não somente a vontade de potência faz referência a uma luta dinâmica de forças, mas também faz, indissociavelmente, referência à ordenação interna dessas forças por uma avaliação-interpretação como incorporação ou separação:

A maior complexidade, a segregação aguda, a proximidade dos órgãos formados e das funções, com desaparecimento dos membros intermediários – se isso for *perfeição*, daí resulta uma vontade de potência no processo orgânico, em virtude da qual *forças dominantes, configuradoras, comandantes* sempre aumentarão o âmbito de sua potência e,

dentro deste, sempre simplificarão: o imperativo *crescente* (Nachlass/FP do fim de 1886-primavera de 1887, 7 [9], KSA 12.297).

Todo o dinamismo da realidade física consiste nesses processos de separação e incorporação sob o efeito de forças que se exercem ao dominarem-nos e simplificá-los.

O ponto de partida dessa argumentação é que, para que uma vontade de potência possa conquistar e incorporar uma outra, primeiro ela tem de reconhecê-la, valorá-la, perceber a diferença de força entre elas:

O *efeito* do inorgânico sobre o inorgânico precisa ser estudado (ele é sempre um *efeito à distância* [*in die Ferne*], portanto um “reconhecer” é necessariamente prévio a todo efetivar: o remoto [*Ferne*] tem de ser percebido (Nachlass/FP do verão de 1883, 12 [27], KSA 10.404-405).

As simples diferenças de potência não podem sentir-se a si mesmas de modo isolado, só podem a partir de seu querer ser mais, precisam poder interpretar seu valor confrontando-o com outro querer que também queira crescer. Para poder reconhecer-se a si mesma como potência, a vontade de potência, em suma, tem de poder interpretar as diferenças de potência.

Por outro lado, essa percepção consiste em impor uma interpretação à outra vontade de potência contrária para, desse modo, conquistá-la. E tal imposição consiste em estabilizar, fixar uma perspectiva daquilo que se resiste, em realidade, é, enquanto força, um vir-a-ser cambiante. Todo centro de força, toda vontade de potência funciona deste modo: fixa, estabiliza para dominar, enquanto que quem estabiliza e o estabilizado estão realmente submetidos a um constante vir-a-ser. “O caráter interpretativo de todo acontecer. Não há nenhum acontecimento em si. O que

acontece é um grupo *selecionado* de fenômenos e reunido por um ser interpretante” (Nachlass/FP do outono de 1885-primavera de 1886, I [115], KSA 12. 38). Por isso, Nietzsche pode afirmar que o resultado das percepções das vontades de potência é uma relação que organiza os acontecimentos, os quais não podem ser captados em seu vir-a-ser, e que tal relação se desfaz e refaz continuamente a serviço da dinâmica do processo de dominação recíproca. Desse modo, as vontades de potência se contrapõem, de fato, como interpretações que variam e se transformam segundo as situações. Não há, portanto, uma interpretação como operação levada a cabo por um centro de força à maneira de um sujeito. Isso seria sucumbir à sedução da gramática e separar o que, de maneira indissociável, pertence ao fato de interpretar:

Contra o positivismo que, quanto ao fenômeno, prende-se ao há apenas fatos”, eu diria: não, justamente não há fatos, apenas interpretações. Não somos capazes de constatar nenhum *factum* “em si”: querer algo assim talvez seja sem sentido. “Tudo é subjetivo” vós dizeis: mas isso já é *interpretação*, o “sujeito” não é nada de dado, mas sim algo ficcionado-a-mais, ocultado-por-trás – Por fim, é mesmo necessário pôr o intérprete atrás da interpretação (*Interpretation*)? Isso já é ficção, hipótese. (...) São as nossas carências que *interpretam* o mundo: nossos impulsos e seu pró e contra. Cada impulso é um modo de ânsia por assenhramento, cada um tem sua perspectiva que ele gostaria de impor como norma a todos os impulsos restantes. (Nachlass/FP do fim de 1886-primavera de 1887, 7 [60], KSA 12.315)<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> “Não é permitido perguntar: ‘então quem interpreta?’ mas sim, o interpretar mesmo, enquanto uma forma da vontade de potência, tem existência (mas não como um ‘ser’, mas sim como um *processo*, um *vir-a-ser*) enquanto um afeto” (Nachlass/FP do outono de 1885-outono de 1886, 2 [151], KSA 12. 140).

Logicamente, é na relação com a concepção de conhecimento que essa ideia nietzschiana de vontade de potência como interpretação vai oferecer as perspectivas mais revolucionárias. Pois a interpretação, nesse contexto, se conecta essencialmente com a faculdade própria de todo ser de transformar dentro de si elementos estranhos em algo idêntico. Ou seja, com a faculdade de apropriar-se do que é qualitativamente estranho para aumentar sua força e desenvolver-se cada vez mais. Sentir já é, pois, interpretar e pensar. E esse interpretar e pensar básicos conduzem a reduzir o diverso ao idêntico para poder assimilá-lo. A assimilação é, por fim, o originário e fundamental do processo de funcionamento da vontade de potência. Ou, dito em outras palavras, a nutrição e a digestão, pelas quais se apropria do estranho, são o esquema mesmo dos processos de nosso pensamento. A esse respeito, é significativo que, para descrever a operação que o homem leva a cabo quando, com as categorias lógicas da razão, crê descobrir o significado mesmo do mundo, Nietzsche empregue o verbo *zurechtmachen* que significa “arranjar”. Porque todas as estruturas com que o homem crê conhecer o mundo não são senão aquilo com o qual ele arranja as situações mediante interpretações que se constroem e nascem a partir da necessidade natural de viver e desenvolver as potencialidades vitais<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> “Nossos valores são *interpretados para dentro* [*hineininterpretiert*] das coisas. Há então um *sentido* no em-si?? Sentido não é necessariamente sentido relacional, perspectiva? Todo sentido é vontade de potência (todos os sentidos relacionais podem a ela ser remetidos). Uma coisa = suas propriedades: mas estas são iguais a tudo o que nessa coisa *nos concerne*: uma unidade na qual reunimos todas as relações que nos *entram em consideração*. No fundo, as alterações *percebidas* em nós (– excetuando-se as que não percebemos, p. ex., a sua eletricidade). In summa: objeto é a soma dos *obstáculos* experimentados que se nos tornaram *conscientes*. Uma propriedade sempre expressa algo ‘útil’ ou ‘nocivo’ para nós” (Nachlass/FP do verão de 1883, 12 [27], KSA 10.404-405) .

Posto que o mundo não é algo estável nem concluído que possa ser definido de uma vez por todas, a necessidade de dominá-lo é o que obriga o homem a produzir as estruturas estáveis (conceitos, palavras, teorias, leis, etc.) com as quais poderá fazer do mundo algo em si, e entender logo a relação com ele como relação sujeito-objeto. Mas nem o objeto nem o sujeito não são outra coisa que não automovimento, atividade incessante, fluxo em contínuo vir-a-ser. O significativo é que, uma vez imposta uma determinada estabilidade ao mundo, reconstruindo-o como um texto, o ser humano esquece o caráter que essa interpretação tem de pura construção fictícia, útil, instrumental, e se convence de que esse texto escrito por ele é, na realidade, o mundo em si, sua verdade que se nos impõe. Donde a convicção dos filósofos que crêem ter encontrado nas “categorias da razão” a forma de acessar uma verdade e um saber absolutos e objetivos. Contudo, ao se dominar e controlar o acontecer por meio do manejo dessa organização estável fetichizada como *faktum*, cria-se uma cisão, uma separação inevitável entre homem e mundo. O homem forja para si a ilusão de ser não apenas algo diferente, mas também e sobretudo algo superior ao mundo. Na realidade, isso não é mais que uma fantasia compensatória, fruto da fraqueza gerada para apaziguar o medo. Porque ao convencer-se ilusoriamente de que a natureza e o mundo podem ser controlados e dominados, o ser humano deixa de sentir o medo e a humilhação que a constatação produzida nele de que o mundo não é senão um fluxo contínuo em vir-a-ser incontrolável, movimento imprevisível de múltiplos elementos sobre os quais ele não tem poder algum:

*A forma* vale como algo duradouro e por isso, valioso; mas a forma simplesmente é inventada por nós, e quando tão frequentemente “a mesma forma é alcançada” isso não significa a *mesma* forma (...). *A forma, a espécie, a lei, a ideia, a finalidade* – em todos os casos se comete o mesmo erro de pôr uma falsa realidade embaixo de uma ficção:

como se o acontecer portasse em si alguma obediência que fosse (...). Não se deve entender essa *necessidade* de formar conceitos, espécies, formas, finalidades, leis – “*um mundo de casos idênticos*” – como se estivéssemos, com isso, em posição de fixar o mundo *verdadeiro*; mas sim como necessidade de nos arranjar um mundo onde *nossa existência* seja possibilitada – com isso, criamos um mundo que nos seja calculável, simplificável, inteligível, etc. (...) O mundo nos *aparece* logicamente, pois *nós*, em primeiro, o logicizamos (Nachlass/FP do outono de 1887, 9 [144], KSA 12. 417-418).

Na origem, pois, do conceito usual de conhecimento filosófico e científico estaria o medo do desconhecido. Entende-se conhecer, então, como imposição ao vir-a-ser de estruturas e esquemas da razão para reconduzir o desconhecido ao conhecido e familiar. A verdade não é adequação entre conhecimento e coisa, mas sim uma operação útil ao desenvolvimento da vida. O que não faz de Nietzsche realmente nem um pragmático nem um utilitarista, dado que, para ele, essa verdade útil não passa de ilusão, um erro útil com o qual fixamos o vir-a-ser para tornar possível nossa própria existência. Não há nada que possa ser considerado propriamente como um “conhecimento objetivo”. Porque o centro de força que conhece não pode fazê-lo “neutralmente”, ou seja, sem a participação essencial de seus instintos, sentimentos, necessidades, preconceitos, etc. Não há nenhum sujeito separado e distante frente a um mundo estável com objeto exterior a ele. O homem é parte do mundo e atua sempre, prolonga-o ou não a partir do interior desse pertencimento. O que faz a ciência não é explicar o mundo para nós ao descobrir suas leis de funcionamento interno. Essas leis foram construídas pelos cientistas, e o que a ciência faz é propor uma ordenação, um texto a partir do qual se pode interpretar o que nos afeta e nos ocorre.

Junto com os modelos de inteligibilidade extraídos das ciências naturais e da fisiologia para tornar compreensíveis suas intuições

filosóficas, Nietzsche utiliza-se também do modelo da relação filológica texto-interpretação para trazer à luz aspectos fundamentais da existência. A partir desse modelo, aplicando-o de diversas maneiras, Nietzsche oferece pistas sobre todas as questões que se derivam, no que tange à questão do conhecimento, de sua concepção básica de vontade de potência. A partir do caráter perspectivista de toda vontade de potência e sua percepção do que se lhe opõe de múltiplas maneiras, Nietzsche desenvolve o argumento da diversidade de interpretações<sup>30</sup> frente à afirmação clássica de uma verdade como interpretação única ou saber absoluto:

Não se encontram nas coisas nada além do que se introduziu nelas: esse jogo de crianças, o qual não quero menosprezar, chama-se ciência? Pelo contrário: continuemos com os dois, para ambos é preciso boa coragem – uns para encontrar, outros – *nós* outros – para esconder! (Nachlass/FP do outono de 1885-outono de 1886, 2 [174], KSA 12.153-154)<sup>31</sup>.

Assim, introduzir e encontrar são os dois aspectos centrais do fato de interpretar. O introduzir é o momento da criação, da inovação, enquanto o encontrar é prestar atenção ao antes introduzido e redescobri-lo.

---

<sup>30</sup> “O mesmo texto permite incontáveis interpretações: Não há nenhuma interpretação ‘correta’” (Nachlass/FP do outono de 1885-primavera de 1886, 1 [120], KSA 12.39).

<sup>31</sup> “Interpretação, *não* explicação. Não há nenhum estado de fato, tudo é fluido, inapreensível, fugidio; o que é mais duradouro ainda são nossas opiniões. Introduzir-sentido – na maioria dos casos, uma nova interpretação sobre uma antiga, tornada ininteligível, que é agora apenas símbolo” (Nachlass/FP do outono de 1885-outono de 1886, 2 [82], KSA 12.100).

Nesse contexto, o único critério válido para julgar acerca da “verdade” das interpretações é em que medida contribuem para uma intensificação da potência, ou, dito deste outro modo: em que medida são capazes de impor-se a outras interpretações e vencê-las. Nesse sentido, toda interpretação não passa de sintoma de crescimento ou decadência: “Infinita interpretabilidade do mundo: toda interpretação um sintoma do crescimento ou do declínio” (Nachlass/FP do outono de 1885-outono de 1886, 2 [117], KSA 12.120). Uma interpretação que favorecesse o aumento de potência seria mais “verdadeira” que as que apenas servem para conservar a vida e torná-la suportável<sup>32</sup>. O conhecimento não é nada além de erro útil, impossível de ser transcendido em favor “da verdade”. Portanto, nem sequer a consideração mesma do conhecimento como erro universal pode assumir o caráter de um saber absoluto. De fato, o descobrimento dos múltiplos erros e contradições do conhecimento ao longo da história do pensamento – que tornou possível, por fim, a consideração generalizada de todo conhecimento como erro útil –, não pode ter nada a ver, para o projeto de Nietzsche, com a ideia de uma progressiva aproximação com uma verdade absoluta, ainda que negativa. A perda de uma ilusão – diz o filósofo – não engendra uma verdade, mas somente um alargamento do nosso vazio, um engrandecimento de nosso deserto. Esse percurso não é, portanto, mais que o trabalho de superação da vida por mediação de diferentes vontades. O que é compreensível se se levar em conta que a

---

<sup>32</sup> “As interpretações de até agora tiveram todas um certo sentido para a vida – conversando-a, tornando-a suportável, alheando-a, refinando-a, inclusive segregando o doente e levando-o a esmorecer. Minha nova interpretação dá aos filósofos do futuro enquanto senhores da terra o necessário desprendimento [*Unbefangenheit*]” (Nachlass/FP de agosto-setembro de 1885, 40 [12], KSA 11.633).

vontade de potência não é essencialmente busca pela utilidade para a autoconservação, mas sim esforço de autossuperação também na forma do combate intelectual. De modo que Nietzsche se pergunta se, no desenvolvimento do espírito, em vez de estar em jogo a questão da salvação do homem em seu encontro último com “a verdade”, estaria em jogo, sim, a elevação do corpo a uma forma superior de vitalidade. Com estas palavras o filósofo resume suas posições em relação a esse tema:

Que *o valor do mundo* jaz em nossa interpretação (– que talvez em algum lugar outras interpretações sejam possíveis que não somente as humanas –), que as interpretações de até agora são estimativas perspectivísticas por conta das quais nos conservamos na vida, isto é, vontade de potência, de crescimento de potência, que toda *elevação do homem* traz consigo a superação de interpretações mais estreitas, que todo fortalecimento atingido e toda expansão de potência abrem novas perspectivas e leva a crer em novos horizontes – isso atravessa meus escritos. O mundo que *nos concerne* é falso, isto é, nenhum estado de fato, mas uma ficção e um arredondamento de uma magra soma de observações; ele está “em fluxo” enquanto algo que-vem-a-ser, como uma falsidade que sempre se desloca, que nunca se aproxima da verdade: – pois – não há nenhuma “verdade” (Nachlass/FP do outono de 1885-outono de 1886, 2 [108], KSA 12.114).

**Abstract:** The readings that, between 1881 and 1883, carries out Nietzsche of diverse treaties of natural sciences, especially those of cellular theory of Rudolf Virchow, Wilhelm Roux and Claude Bernard, is decisive to configure the specific and original way in which he will understand the world like will of power and, in consequence, to the alive organisms and

the man. It is in the context of these readings that the conception hermeneutics of the truth is born in Nietzsche and the criteria of value of the interpretations, that is: in what measure they contribute to an increase of the power, or in what measure they are able to be imposed to other interpretations and to conquer them. In this article it is developed the idea that all interpretation is like a symptom of growth or of decadence, for what an interpretation that favored the increase of the power would be “truer” than those that are only good to conserve the life and to make it bearable. Such it is the context to understand the statement that knowledge is only useful error impossible to transcend for “the truth”.

**Keywords:** will to power – interpretation – knowledge.

## referências bibliográficas

1. ABEL, G. *Nietzsche. Die Dynamik der Willen zur Macht und die ewige Wiederkehr*. Gruyter: 1998.
2. AVILA CRESPO, R. *Identidad y tragedia. Nietzsche y la fragmentación del sujeto*. Barcelona: Crítica, 1999.
3. AVILA CRESPO, R. *Identidad y tragedia. Nietzsche y la fragmentación del sujeto*. Barcelona: Crítica, 1999.
4. BABICH, B. Nietzsche and the Philosophy of Scientific Power: Will to Power as Constructive Interpretation. In: *International Studies of Philosophy*, n. 22, p. 78-91, 1990.
5. BARRIOS, M. *La voluntad de poder como amor*. Madrid: Arena Libros, 2007.
6. BAUER, M. “Zur Genealogie von Nietzsches Kraftbegriff: Nietzsches Auseinandersetzung mit J. T. Vogt”. In: *Nietzsche-Studien*, Berlin, Walter de Gruyter, n. 13, p. 221-227, 1984.

7. BERNARD, C. *Leçons sur les phénomènes de la vie communs aux animaux et aux végétaux*. Paris: Baillière, 1878.
8. HENKE, D. Nietzsches Darwinismuskritik aus der Sicht gegenwärtiger Evolutionsforschung. In: *Nietzsche Studien*, Berlin, Walter de Gruyter, n.13, p. 189-210.
9. MITTASCH, A. *Friedrich Nietzsche Naturbeflissenheit*. Heidelberg: Springer, 1950.
10. ———. *Nietzsche als Naturphilosoph*. Stuttgart: Kröner, 1952.
11. MÜLLER-LAUTER, W. Nietzsches Lehre vom Willen zur Macht. In: *Nietzsche Studien*, Berlin, Walter de Gruyter, n.3, p. 1-60, 1974.
12. MÜLLER-LAUTNER, W. “Der Organismus als innerer Kampf. Der Einfluss von Wilhelm Roux auf Nietzsche”. In: *Nietzsche-Studien*, Berlin, Walter de Gruyter, n.7, p. 189-235.
13. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. München, Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1980, 15 v.
14. ———. *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Col. “Os Pensadores”).
15. ORCUCCI, A. *Dalla biologia cellulare alle scienze dello spirito. Aspetti del dibattito sull’individualità nell’Ottocento tedesco*. Bolonha: Il Mulino, 1992.
16. ROUX, W. *Der Kampf der Theile im Organismus. Ein Beitrag zur Vervollständigung der mechanischen Zweckmässigkeitlehre*. Leipzig: Engelmann, 1881.

17. SALAQUARDA, J. Nietzsche und Lange. In: *Nietzsche-Studien*, Berlim, Walter de Gruyter, n.7, p. 230-260.
18. SÁNCHEZ MECA, D. *Nietzsche: La experiencia dionisiaca del mundo*. 3. ed. Madrid: Tecnos, 2008.
19. STACK, G. J. *Lange and Nietzsche*. Berlim: Gruyter, 1983.
20. STEGMAIER, W. Darwin, Darwinismus, Nietzsche. Zum Problem der Evolution. In: *Nietzsche-Studien*, Berlim, Walter de Gruyter, n.16, p. 264-287.

Artigo recebido em 25/10/2010.

Artigo aceito para publicação em 05/11/2010.